

TELEVISÃO PRIVADA E CINEMA PÚBLICO: AS NOVAS DINÂMICAS DA PRODUÇÃO AUDIOVISUAL PORTUGUESA

André Rui Graça¹

Resumo: O aparecimento de duas novas estações de televisão alterou por completo o panorama da produção de conteúdos audiovisuais em Portugal, bem como a topografia do meio cinematográfico. Do ponto de vista material, este acontecimento implicou um aumento no volume da produção, o que por sua vez se traduziu na criação e treino de várias equipas técnicas que puderam trabalhar com relativa continuidade e grau de profissionalismo. Adicionalmente, parcerias diretas entre realizadores de cinema e as televisões (como o caso de séries ou dos telefilmes SIC), em articulação com a “geração curtas” e os novos talentos das escolas de cinemas que alimentavam tanto o meio televisivo como cinematográfico, vieram contribuir para transformações substanciais na forma de ver e fazer cinema em Portugal. O presente estudo visa compreender o impacto das televisões privadas, introduzidas no início da década de 1990, no contexto da produção portuguesa de conteúdos audiovisuais. Dando especial enfoque às repercussões verificadas no meio cinematográfico, procura-se assinalar alguns pontos de referência centrais para o delineamento de uma histórica crítica das dinâmicas e sinergias desenvolvidas pela referida ligação durante a década de 1990 e os primeiros anos do novo século.

Palavras-chave: Cinema português; telefilme; televisão; produção.

Contacto: andreruig@gmail.com/ andre.graca.11@ucl.ac.uk

O presente estudo decorre da constatação de uma lacuna assinalável no estudo do cinema e dos média audiovisuais em Portugal. Mais precisamente, parte de uma carência de trabalhos que abordem os pontos onde estes dois formatos eventualmente se cruzam e interligam, numa lógica de intercâmbio que, a confirmar-se, delapida e influencia o curso e a história de ambos. Deste modo, o raciocínio que se apresentará de seguida tentará adiantar algumas notas sobre este possível eixo de interseção, respondendo a diversas questões que se revelam tão mais prementes quando tido em conta a omnipresença da televisão no quotidiano dos portugueses nas últimas três décadas e a revolução que a liberalização do espaço televisivo significou, no início da década de 1990.

¹ Bolseiro de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia na University College London e investigador colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra.

Graça, André Rui. 2016. “Televisão privada e cinema público: as novas dinâmicas da produção audiovisual portuguesa”. In *Atas do V Encontro Anual da AIM*, editado por Sofia Sampaio, Filipe Reis e Gonçalo Mota, 535-547. Lisboa: AIM. ISBN 978-989-98215-4-5.

Em primeiro lugar, no contexto da história das condições materiais de produção, tentar-se-á avaliar o impacto das televisões privadas e de um quadro competitivo de aumento da procura e da oferta na produção de conteúdos audiovisuais (categoria que aqui engloba as obras cinematográficas). Com efeito, indo até mais longe no inquérito e partindo de uma certa dúvida metódica, cabe no escopo deste estudo aferir criticamente os limites e as extensões destas supostas sinergias, durante os anos 90 e o início do presente século, de modo a responder à questão: será que podemos realmente referir-nos a um cruzamento simbiótico entre os recursos existentes no meio do cinema português e as televisões, ou será que existem razões para imaginarmos a televisão e o cinema enquanto dois universos separados à partida e à chegada, que coexistem e se desenvolvem paralelamente, num país de dimensões tão compactas? Leonor Areal, a propósito da percepção de uma “escola portuguesa” aos olhos dos críticos, escreve acerca de uma possível “teoria do contágio” (Areal 2011, 330-337), baseada na ideia de que, num meio tão pequeno, todos os intervenientes acabam por interagir uns com os outros com frequência e desenvolver uma prática em muitos aspectos endógena. Poderemos, então, pensar num trânsito semelhante entre os dois meios, ou chegar à conclusão que são diametralmente opostos e se fecham hermeticamente?

A noção de uma ligação direta entre cinema e televisão em Portugal é sugerida, desde logo, pelo facto de o período entre 1990 e os primeiros anos do século vinte e um ter possibilitado um aumento geral na produção. No caso do cinema, as receitas da taxa sobre a publicidade — de quatro canais e não de apenas dois — e as políticas culturais do Partido Socialista (Ferreira 2013, 238) resultaram muito favoráveis à cinematografia nacional, historicamente debaixo da égide do Estado. Adicionalmente, e não menos importante, a conjuntura de fundos europeus, sediados quer em Portugal quer no estrangeiro, bem como o robustecimento de parcerias com países de língua oficial portuguesa, permitiram dar impulso a uma série de obras realizadas em coprodução, tornando este método rotineiro desde então (Cunha 2012, 21-28). Outros factores, por vezes tidos como secundários, como os avanços na

tecnologia digital, a valorização institucional do formato de curta-metragem (Ribas 2013, 268-300), a formação de dezenas de realizadores, atores e técnicos nas escolas de cinema e a possibilidade de os amparar, através de políticas de apoio, as primeiras obras contribuíram também para a consolidação do tecido produtor de cinema no país.

No que concerne à televisão, de acordo com Nelson Traquina, regista-se, na etapa imediatamente a seguir ao arranque das televisões privadas, um acentuado aumento da produção nacional de conteúdos audiovisuais de ficção (Traquina 1997, 15-18) — daqui se excluem, assim, formatos como concursos, *talk-shows* e outros. Sendo os programas dedicados ao entretenimento predominantes na grelha televisiva dos quatro canais, como apontam os estudos de Nilza de Sena (Sena 2009, 127-147) e Isabel Férin Cunha (Férin Cunha 2010, 91-118), não é, por isso, de estranhar este incentivo paulatino de conteúdos feitos em Portugal. Gozando de apoios Estatais e subordinada ao Contrato de Serviço Público, a RTP reforçou a linha de produção que tinha começado anos antes, no sentido de competir com a concorrência, que entretanto lhe levou o contrato de exclusividade com a Rede Globo. Por seu turno, aquando da criação da Comissão Inter-ministerial para o Audiovisual e da Plataforma para o audiovisual, a SIC assinou protocolos com estas entidades no sentido de fomentar produção em língua portuguesa (Cunha e Burnay 2006, 3). Desta parceria entre SIC e ICAM resultou o projecto de coprodução de 30 telefilmes nos três anos seguintes (Cunha e Burnay 2006, 3), estudo de caso assaz interessante, que será abordado de seguida. Quanto à TVI, será só depois do ano 2000 e debaixo do poder decisivo de José Eduardo Moniz que a estação ganhará fôlego e passará a investir de forma decisiva e consistente na ficção nacional, através das telenovelas e da promoção de um autêntico *star system* de apoio.

Confirmando uma das dúvidas iniciais, o “papel imprescindível” dos canais de televisão na co-produção de filmes ficou bem patente nas 38 coproduções e nos 18 patrocínios assinados com a estação pública (35 por cento do total de películas feitas) e das restantes 4 coproduções da SIC (a TVI patrocinou apenas um filme) durante os anos 90 (Ferreira 2013, 244). Esta

presença torna-se ainda mais curiosa quando se constata uma tendência de quase-ausência do cinema português da grelha televisiva dos canais abertos (apenas 1.5) (Traquina 1997, 30).

Embora seja só depois da viragem do século que o grosso da coluna das parcerias entre televisão e cinema se verifica, deve assinalar-se que foi este contexto, em harmonia com a conjuntura política supracitada, que permitiu uma média de produção, sustentada e ininterrupta, de cerca de 11 películas por ano (Ferreira 2013, 246). Pese embora que, nesta altura, muitos dos usufrutuários destas coproduções sejam realizadores da “velha-guarda” (Ferreira 2013, 247-248), facto é que a década de 90 foi uma verdadeira pista de aceleração para uma nova geração. A este grupo pertenciam não só cineastas com projetos e ambições profissionais dentro do universo do cinema de autor, mas também (e aqui surge um elemento inovador) realizadores que viram nas televisões privadas e nas suas tendências de programação uma janela de oportunidade para si e para projetos que dificilmente conseguiriam preencher os critérios de filme de qualidade do ICAM. Determinados em romper com o *statu quo* do cinema português e a apresentar propostas alternativas de cinema popular e formulaico em português, a sua postura foi retribuída favoravelmente por parte da SIC², primeiro, e da TVI³, alguns anos depois.

Embora a questão da injeção de capital seja da maior relevância, este estudo defende que toda a dinâmica gerada pelas televisões e o seu contributo para o cinema não se esgota na lógica de coprodução cinematográfica. De facto, como se verá de seguida, o meio profissional da produção de conteúdos de imagem em movimento em Portugal foi influenciado por diversas variantes advindas do investimento das estações de televisão.

Os telefilmes: evolução do género em Portugal

Em linha com o que já foi mencionado, rente ao final de século, a SIC decidiu apostar num formato televisivo com poucos antecedentes em Portugal, mas com tradição prestigiada no estrangeiro, nomeadamente no Reino Unido

² Leonel Vieira, por exemplo, e António-Pedro Vasconcelos.

³ Através da companhia Filmes TVI.

(BBC), França (Canal + e France 2) e Itália (RAI): o telefilme. Originalmente, a ideia previa a produção de trinta filmes, rodados em película de modo a poderem ser estreados também em sala. Contudo, apenas cerca de dez foram efetivamente produzidos. A recessão económica e o retumbante sucesso do *Big Brother*, a chamada “novela da vida real”, na TVI, assim o ditou.

Marcantes para a sua época e controversos em boa medida, de acordo com António-Pedro Vasconcelos, que em 2012 recuperou a memória destes telefilmes, o orçamento médio para cada produção rondava os cem mil contos (quinhentos mil euros) e o tempo de rodagem era de cerca de quatro semanas (Vasconcelos 16/07/2012). Embora estes produtos tenham merecido a crítica direta de vários comentadores — de entre eles Eduardo Cintra Torres, que os enquadrou numa espécie de “limbo”, algures entre o cinema de grande fôlego e o produto de massas (Torres 21/03/2000) —, os telefilmes foram recebidos por uns de forma otimista e por outros com alguma suspeita. Num artigo que levanta mais dúvidas do que aquelas a que responde, datado de Janeiro de 2000, Augusto M. Seabra dá voz a diversas ansiedades que à época o projeto dos telefilmes SIC causaram. O crítico não só aponta que o “o Estado deu precedência à SIC em detrimento da RTP”, como afirma ainda que teme que a SIC, sendo sócia maioritária da produtora, possa impor um padrão de cinema que poderá vir a ter repercussões futuras na política cinematográfica em Portugal (Seabra 11/01/2000).

Porém, para todos os efeitos e independentemente do lado da barricada em que se esteja, os telefilmes SIC deram continuidade consequente ao passado recente encetado em 1995 com *Adão e Eva*, inaugurando uma nova fase nas “sinergias” (palavra usada por Francisco Pinto Balsemão) entre televisão e cinema. Um olhar mais atento permite observar que estas películas reuniram uma eclética panóplia de elementos e temas, constituindo um registo *middlebrow*, pouco explorado em Portugal. Realizados também por cineastas em início de carreira⁴ e reunindo um conjunto diversificado de atores que na

⁴ Alguns virão a tentar a sua sorte mais tarde no cinema de autor (como Jorge Cramez, que teve um filme na calha, ou a dupla Tiago Guedes e Frederico Serra) e outros prosseguirão pela via do cinema popular (como Vicente Alves do Ó, Joaquim Leitão, Carlos Coelho da Silva e Leonel Vieira).

altura ainda não eram conotados com o registo da telenovela (Ana Padrão e Vitor Norte, por exemplo) e outros da cultura popular (Raúl Solnado e Herman José), alguns destes filmes abordavam temas quentes do cinema de autor de então, como herança colonial, violência doméstica, realidade dos bairros periféricos e juventudes problemáticas. Mais ainda, três telefilmes foram apresentados no festival de Monte Carlo⁵. Contudo, o aspecto mais relevante desta iniciativa foi a oportunidade de visibilidade para o cinema português, estigmatizado ao longo de décadas através de episódios como *Amor de Perdição* (Cruchinho 2001, 5-22), bem como a possibilidade de trabalho e de experiência profissional que estes telefilmes representaram para guionistas, realizadores, atores e técnicos da mais variada ordem. Mais do que um veículo para o escoamento de uma produção que sempre se viu a braços com problemas de distribuição (note-se que o telefilme fica dentro de um ciclo fechado e não é confrontado com o mercado como um filme de sala), a televisão contribuiu num *timing* correto para uma conjuntura de chances de trabalho na área do cinema em Portugal maior do que a soma das partes.

Após a vaga de telefilmes da SIC e de quatro telefilmes da RTP em 2002⁶, o género ficou dormente durante alguns anos, vindo a ser recuperado apenas esporadicamente, até 2012, ano em que a TVI e a RTP voltaram a apostar consistentemente no formato. Pegando em assuntos prementes da sociedade portuguesa pós crise económica (como a emigração, o endividamento, os despedimentos), a televisão nacional realizou 12 telefilmes, correspondentes a cada mês do ano. Por sua vez, após uma década de produção contínua e ininterrupta de séries de ficção nacional (vulgo telenovelas) e de uma grelha saturada pelas mesmas, a TVI produziu, através da Plural, 26 telefilmes a que apelidou de “filmes da casa”. José Fragoso, diretor de programação da TVI, fala na vantagem de chegar a novos públicos através de uma “produção diferenciada”, evidenciando assim o carácter do telefilme enquanto obra fora do esquema da telenovela⁷. Contudo, o já mencionado António-Pedro Vasconcelos é por esta data que redige um artigo onde

⁵ Cf: http://diariodigital.sapo.pt/news.asp?id_news=478

⁶ Realizados por figuras como José Medeiros, João Mário Grilo, Rita Nunes e José Nascimento.

⁷ Cf: http://www.cmjornal.xl.pt/tv_media/detalhe/telefilmes-voltam-a-ser-moda.html

relembra e elogia os telefilmes SIC perante a realidade dos novos produtos da TVI. Quem também deixa transparecer que esta ideia de diversificação poderá ser uma falsa questão é Adriano Luz. Na qualidade de diretor da Casa da Criação, o ator afirma “a SIC fazia telefilmes em três ou quatro semanas, enquanto que estes microfilmes são feitos em seis ou sete dias. Trata-se aqui de um modelo de produção de novela transformado em filme” (Luz *apud* Lopes 2012, 213). Em conclusão, não deixa de ser curioso que, olhando em retrospectiva e tendo como ponto de referência o projeto da TVI, os telefilmes SIC sejam lembrados como uma marco de qualidade.

Os filmes das televisões

Em tandem com os telefilmes, os filmes coproduzidos e/ ou apoiados pelas televisões são coordenadas importantes para avaliar o tipo de relação entre cinema e televisão. Tendo a estação pública RTP participado de algum modo em filmes de cariz mais ou menos autoral de forma direta através dos vinte por cento de participação em projetos financiados pelo ICA, mais uma vez, esta prática de parceria adquiriu particular expressão e sucesso público no campo das televisões privadas. Aqui, sem grandes surpresas, as escolhas recaíram sobre filmes feitos à imagem dos canais privados de televisão. Por outras palavras, houve a aposta em filmes subordinados à eterna guerra pela captação de audiências e pelo apelo às massas. Um dos aspectos mais interessantes e decisivos destas parcerias reside na exposição e na máquina de publicidade que as televisões colocam ao seu serviço. Convém lembrar que as estações que oferecem a chancela aos filmes são apenas peças numa engrenagem muito mais vasta de grupos de media (a TVI pertence à Media Capital, que por sua vez pertence à PRISA espanhola; e a SIC pertence ao grupo Impresa). Deste modo, a SIC e a TVI puderam promover os seus filmes, de forma mais ou menos encoberta, através de meios, estruturas de apoio (e.g. a parceria entre a SIC e a Lusomundo) e em escalas a que a RTP não tem acesso. Com certeza que muito do sucesso de filmes como o *Crime do Padre Amaro*, *Call Girl* ou *Amália* se deveram às extraordinárias mobilizações que foram realizadas em torno deles.

A reação da maior parte da crítica a estes filmes e à migração de realizadores de televisão para o contexto cinematográfico também não foi surpreendente. Uma crescente preocupação com uma putativa “televisificação” do cinema português, numa época em que os fundos para o cinema de autor entravam em recessão, levou a que estes filmes, alguns deles de entre os mais vistos de sempre no país, fossem arrasados pelos sectores da crítica menos flexíveis em relação às categorias usadas para pensar o cinema.

A propósito desta questão, há que realçar que, efetivamente, o cinema de autor — nomeadamente o de “linha dura”, de Pedro Costa, Teresa Villaverde, Raquel Freire e muitos outros — manteve-se e foi mantido um pouco à margem da televisão a partir do princípio do século, (talvez com algumas exceções como João Canijo, João Botelho, Margarida Cardoso ou Fernando Lopes). Como que um universo paralelo, há uma ala importante do cinema português que nunca viu interesse na televisão e pela qual a televisão pouco ou nada se interessou, e que sobrevive em dois ou três sub-campos culturais próprios, povoados por figuras recorrentes, que dificilmente manifestam vontade ou possibilidade de estabelecer um trânsito com outras dimensões da produção da imagem em movimento em Portugal.

Conclusão

Para o bem e para o mal, e por muito que se discorde das linhas de orientação dos canais generalistas, não parece sensato ignorar a importância da televisão, designadamente dos canais privados, no desenvolvimento de todo um meio de produção de conteúdos audiovisuais em Portugal. Note-se ainda que, com aparecimento da SIC e da TVI (bem como dos canais por cabo e satélite) surgiu a necessidade de dar resposta a novas solicitações, o que resultou na dinamização e modernização de toda uma indústria em torno da publicidade, da fotografia, da escrita para ficção e de diversas outras atividades criativas. A reboque desta circunstância foram criadas várias companhias de produção e fundados diversos cursos universitários e técnicos.

Reiterando o que já foi aduzido, a par das políticas estatais de fomento ao cinema, às primeiras obras e ao formato de curta-metragem, através de

diversos meios (coprodução, série, minissérie ou telefilme), as televisões privadas desempenharam um papel importante para o estágio de “razoável maturidade dos modos de produção” que Daniel Ribas refere a propósito do balanço da “geração curtas” (Ribas 2013, 270). A produção incentivada pelas televisões foi capaz não só de revelar novos realizadores que não se reviam nas práticas autorais, mas também, e principalmente, de absorver jovens e velhos cineastas, atores, guionistas e técnicos, dando-lhes novas oportunidades de trabalho e de formação profissional. De facto, permitiu a vários destes indivíduos que fazem o trânsito entre o cinema de autor, o teatro e a TV, subsistirem e produzirem com relativa regularidade. Por outro lado, o país nunca dispôs de um volume tão elevado de técnicos da imagem em movimento como nos dias de hoje, o que é fundamental para criar bases para a rentabilização do talento, seja ele de que tendência for. Deste modo, o cinema português goza, direta e indiretamente, de uma série de estruturas que o advento da liberalização do ar televisivo trouxe consigo.

Em derradeira análise, apesar da televisão em grande medida se ter mantido à margem do cinema de autor — que é aquele que normalmente surge associado a “cinema português” — facto é que tem vindo a criar os alicerces para um espaço de cinema comercial e *middlebrow*, contribuindo assim para a pluralidade do cinema feito em Portugal.

BIBLIOGRAFIA

- Areal, Leonor. 2011. *Cinema Português: um país imaginado. Vol II, após 1974*. Lisboa: Edições 70.
- Cruchinho, Fausto. 2001. “Recepção Crítica de Amor de Perdição de Manoel de Oliveira”. *Cadernos do CEIS20* nº 2: 5-22.
- Cunha, Paulo. 2012. “Co-produções em português: um breve balanço.” In *III Simpósio Internacional: O Cinema dos Países Lusófonos*, editado por Jorge Cruz e Leandro Mendonça, 21-28. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Férin Cunha, Isabel. 2010. “Audiências e Recepção das Telenovelas Brasileiras em Portugal”. *Comunicação, Mídia e Consumo* Vol 7, nº 20: 91-118.
- Férin Cunha, Isabel, e Catarina Burnay. 2006. “Ficção Televisiva em Portugal: 2000-2005”. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ferin-isabel-burnay-catarina-ficcao-televisiva-portugal.pdf>. Acedido em 9 de Maio de 2015.
- Ferreira, Carolin Overhoff. 2013. “Estabilidade, crescimento e diversificação.” In *Cinema Português: um guia essencial*, editado por Paulo Cunha e Michelle Sales, 238-267. São Paulo: SESI-SP editora.

- Lopes, Felisbela. 2012. *Vinte Anos de Televisão Privada em Portugal*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Ribas, Daniel. 2013. “O cinema do futuro.” In *Cinema Português: um guia essencial* editado por Paulo Cunha e Michelle Sales, 268-300. São Paulo: SESI-SP editora.
- Seabra, Augusto M. 2001. “SIC 10 – RTP 0”. *Público*, 11 de Janeiro. <http://www.publico.pt/media/jornal/sic-10--rtp-0-138525>. Acedido em 9 de Maio de 2015.
- Sena, Nilza Moutinho. 2009. “A Evolução da Grelha Programática pré e pós Telejornal (1959-2009).” *Comunicação e Sociedade* 15: 127-147.
- “Telefilmes voltam a ser moda”. *Correio da Manhã*, 27 de Janeiro de 2012. http://www.cmjornal.xl.pt/tv_media/detalhe/telefilmes-voltam-a-ser-moda.html. Acedido em 9 de Maio de 2015.
- Torres, Eduardo Cintra. 2000. “Filmes & telefilmes”. *Público*, 21 de Março. <http://www.publico.pt/media/jornal/sic-10--rtp-0-138525>. Acedido em 9 de Maio de 2015.
- Traquina, Nelson. 1997. “Tendências da Televisão Portuguesa na Nova Era da Concorrência.” *INTERCOM Revista Brasileira de Comunicação* Vol XX, nº 1: 13-31.
- Vasconcelos, António-Pedro. 2012. “Os Telefilmes Esquecidos”. *Sol*, 16 de Julho. <http://www.sol.pt/noticia/54440>. Acedido em 9 de Maio de 2015.

FILMOGRAFIA

88. Realização de Edgar Pêra. SIC Filmes, 2002. Telefilme. Argumento de Pedro Marta Santos. Elenco: Miguel Guilherme, Rita Lello, Ivo Serra, Nuno Melo.
- 451 Forte. Realização de João Mário Grilo. Filmes RTP e Madragoa Filmes. Telefilme. Argumento de Paulo Filipe e João Mário Grilo. Elenco: Sofia Alves, Adriano Luz, Fátima Belo.
- A Casa das Mulheres*. Realização de João Cayatte. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Artur Ribeiro. Elenco: Fernanda Serrano, Eunice Muñoz, Gabriela Barros.
- A Mãe do Meu Filho*. Realização de Artur Ribeiro. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Paulo Arrais Ferreira. Elenco: Dalila Carmo, Nuno Homem de Sá, Ana Zanatti.
- A Noiva*. Realização de Luís Galvão Teles e de Gonçalo Galvão Teles. SIC Filmes, 2000. Telefilme. Argumento de Cristina Boavida. Elenco: Catarina Furtado, Diogo Morgado, Marco Delgado, Nuno Lopes, Pedro Giestas.
- A Primeira Dama*. Realização de Artur Ribeiro. TVI/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Luís Avelar e Artur Ribeiro. Elenco: Helena Isabel, Virgílio Castelo, Sofia Nicholson.
- A Princesa*. Realização de Hugo de Sousa. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Vitor Elias. Elenco: Mafalda Vilhena, Sara Butler, Pêpê Rapazote, Miguel Santiago.

- A Solista*. Realização de António Figueirinhas. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Vítor Elias. Produzido por Luís Fialho Rico. Elenco: São José Correia, Isabel Figueira.
- A Viagem do Senhor Ulisses*. Realização de Jorge Queiroga. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Produzido por Luís Fialho Rico. Argumento de Joana Neves e Artur Ribeiro. Elenco: Rui Mendes, Adriano Carvalho, Carla Maciel.
- Agora Aguenta*. Realização de Afonso Pimentel. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de George Felner. Elenco: Albano Gerónimo, João Reis, Joana Solnado.
- Alta Fidelidade*. Realização de Frederico Serra e Tiago Guedes. SIC Filmes, 2000. Telefilme. Argumento de Rodrigo Guedes e Tiago Guedes. Elenco: Anabela Moreira, Fernanda Serrano, Gabriel Leite, Henrique Mendes.
- Amo-te Teresa*. Realização de Cristina Boavida e Ricardo Espírito Santo. SIC Filmes, 2000. Telefilme. Argumento de Cristina Boavida e Carlos Saboga. Elenco: Ana Padrão, Diogo Morgado, Isabel de Castro, José Afonso Pimental, José Wallenstein.
- Amor Perdido*. Realização de Jorge Queiroga. SIC Filmes e Animatógrafo II, 2000. Telefilme. Argumento de João Nunes e Marcantónio del Carlo. Elenco: Álvaro Faria, António Capelo, Guilherme Filipe, Manuel Wiborg.
- Amor SOS*. Realização de Lourenço Mello. TVI/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Henrique Dias, Frederico Pombares e Roberto Pereira. Elenco: Rita Salema, Delfina Cruz, José Raposo.
- Aniversário*. Realização de Mário Barroso. SIC Filmes e Animatógrafo II, 2000. Telefilme. Argumento de Pedro Marta Santos. Elenco: Adelaide de Sousa, Amílcar Zenha, Ana Zanatti, Carlos Vieira, Paulo Pires, Pêpê Rapazote.
- Anjo Caído*. Realização de Jorge Ferreira da Costa. SIC Filmes, 2001. Telefilme. Argumento de Paulo Rosária. Elenco: Edson Silva, Inês Andrade, João Lagarto, João Maia, Vítor Norte.
- Até ao Fim*. Realização de Jorge Queiroga. SIC Filmes, 2000. Telefilme.
- Até que a Vida nos Separe*. Realização de Jorge Queiroga. TVI/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Eduardo Gaspar. Elenco: São José Correia, Rui Andrade.
- Contas do Morto*. Realização de Rita Nunes. Filmes RTP e Madragoa Filmes, 2001. Telefilme. Argumento de Paulo Filipe e João Mário Grilo. Elenco: Sílvia Filipe, Cucha Carvalheiro, Maria Emília Correia, Margarida Marinho, José Raposo.
- E Depois Matei-o*. Realização de Lourenço de Mello. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Produzido por Luís Fialho Rico. Argumento de Raquel Palermo e João Matos. Elenco: Diogo Amaral, Albano Jerónimo, Sónia Balacó.
- Ela por Ela*. Realização de Nuno Franco. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Tozé Martinho. Elenco: António Capelo, Mafalda Vilhena, Melânia Gomes, Nuno Homem de Sá.
- Facas e Anjos*. Realização de Eduardo Guedes. SIC Filmes, 2000. Telefilme. Argumento de Vicente Alves do Ó. Elenco: Ana Bustorff, Carla Bolito, Miguel Moreira.

- Gente Feliz com Lágrimas*. Realização de José Medeiros. RTP Açores, 2002. Telefilme. Argumento adaptado do romance homónimo de João de Melo. Elenco: Miguel Guilherme, Ana Padrão, Natália Marcelino, Belarmino Ramos, Maria Botelho, Ruy de Carvalho.
- Há Sempre um Amanhã*. Realização de Ricardo Inácio. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Produzido por Luís Fialho Rico. Argumento de Luís Avelar e Roberto Pereira. Elenco: Diogo Infante, Maria João Falcão, Rui Luís Brás, Cláudia Oliveira, António Machado.
- Hora da Morte*. Realização de José Nascimento. Filmes RTP e Madragoa Filmes, 2001. Telefilme. Argumento de Paulo Filipe e João Mário Grilo. Elenco: Alexandre Pinto, Rui Morrison, Joana Seixas, São José Lapa, Elsa Raposo.
- Incógnito*. Realização de Jorge Queiroga. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Artur Ribeiro. Elenco: Lúcia Moniz, Pedro Laginha, Guilherme Filipe.
- Intriga Fatal*. Realização de António Borges Correia. TVI/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Rui Vilhena e João Sequeira. Elenco: Maria João Bastos, Albano Jerónimo, Sandra Celas.
- Jogo da Glória*. Realização de Fernando Vendrell. SIC Filmes e Fábrica de Imagens, 2002. Telefilme. Argumento de Gonçalo Galvão Teles. Elenco: Alexandre Pinto, Bruno Simão, Carla Chambel, Cláudia Teixeira, Lúcia Garcia, Pedro Laginha.
- Jogos Cruéis*. Realização de Afonso Pimentel. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Produzido por Luís Fialho Rico. Argumento de Alexandre Castro e Joana Jorge. Elenco: António Sanches, Cristina Carvalhal, Ivo Lucas, Inês Faria, António Carneiro e Sofia Portugal.
- Jorge*. Realização de Francisco de Mello. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Produzido por Luís Fialho Rico. Argumento de Francisco Moita Flores. Elenco: Cláudia Barbosa, Rui Unas, Vítor Norte.
- Mais Tarde*. Realização de Fátima Ribeiro. SIC Filmes e Animatógrafo II, 2001. Telefilme. Elenco: Alexandra Leite, Marco D'Almeida, Margarida Marinho, Paulo Matos, Rogério Samora.
- Monsanto*. Realização de Ruy Guerra. SIC Filmes, 2000. Telefilme. Argumento de Carlos Saboga e Vicente Alves do Ó. Elenco: Bibi Gomes, Ivo Canelas, João Lagarto, José Raposo, Paula Neves, Vítor Norte.
- Mustang*. Realização de Leonel Vieira. SIC Filmes e Animatógrafo II, 2000. Argumento de João Nunes. Elenco: Ana Ribeiro, António Cara D'Anjo, Cecília Guimarães, Philippe Leroux, Rita Ribeiro.
- Noiva, Precisa-se*. Realização de Jorge Cardoso e Ricardo Inácio. TVI/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Frederico Pombares, Henrique Dias e Roberto Pereira. Elenco: José Carlos Pereira, Paula Neves, Paulo Rocha.
- O Dia em Que a Minha Vida se Tornou um Reality-Show*. Realização de Hugo de Sousa e Frederico Oliveira. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Carlos César e Nuno Guilherme Cruz. Elenco: Catarina Avelar, Mafalda Matos, Nuno Melo, Rita Salema.
- O Lampião da Estrela*. Realização de Diamantino Costa. SIC Filmes e Animatógrafo II, 2000. Telefilme. Argumento de Eduardo Madeira e Henrique Cardoso Dias. Elenco: Catarina Furtado, Fernando Valente,

- Henrique Viana, Herman José, José Pedro Gomes, Marco Horácio, São José Lapa.
- O Marceneiro*. Realização de Lourenço Mello. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Cristina Ribeiro da Silva.
- O Outro Lado da Mentira*. Realização de António Figueirinhas. TVI/Plural, 2013. Argumento de Nuno Duarte. Elenco: Cristina Carvalhal, Diogo Branco, Rui Unas, Virgílio Castelo.
- O Pacto*. Realização de Telma Meira. TVI/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Joana Jorge e Rui Vilhena. Elenco: Liliana Santos, Pedro Lima, Sara Prata.
- O Par Ideal*. Realização de Gonçalo Morão. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Diogo Tomás. Elenco: Ana Brito e Cunha, Melânia Gomes, Pedro Górgia.
- O Primogénito*. Realização de António Figueirinhas. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Produzido por Luís Fialho Rico. Argumento de Vítor Elias. Elenco: Anabela Moreira, Luís Gaspar, Rui Neto, Margarida Carpinteiro.
- O Profeta*. Realização de Artur Ribeiro. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Artur Ribeiro. Elenco: Manuel Wiborg, Marta Fernandes, Rita Blanco, Rui Luís Brás.
- O Que as Mulheres Querem*. Realização de Jorge Queiroga. TVI/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Andreia Vicente e Alexandre Castro. Elenco: Lúcia Moniz, Marco Delgado, Sofia Ribeiro.
- O Último Verão*. Realização de Francisco de Mello. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Produzido por Luís Fialho Rico. Argumento de Francisco Moita Flores. Elenco: Rita Martins, Tiago Barroso, Frederico Barata.
- O Segredo*. Realização de Leandro Ferreira. SIC Filmes e Animatógrafo II, 2001. Elenco: Ana Bustorff, Ana Padrão, Anabela Teixeira, Marcantónio del Carlo.
- Oito por Oito*. Realização de Edgar Pêra. SIC Filmes e Animatógrafo II, 2002. Telefilme. Argumento de Pedro Marta Santos. Elenco: Adelino Tavares, Amandio Pinheiro, Ângelo Torres, Miguel Guilherme, Nuno Melo, Rita Lello, Sara Buttler.
- Órfã do Passado*. Realização de Artur Ribeiro. TVI/Plural, 2013. Argumento de Luís Avelar e Artur Ribeiro. Elenco: Isabel Medina, Nicolau Breyner, Pedro Lima, Philippe Leroux.
- Os Abutres*. Realização de António Borges Correia. TVI/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Carlos César e Nuno Guilherme Cruz. Elenco: Joaquim Horta, Mafalda Luís de Castro, Pedro Barroso.
- Os Cavaleiros de Água Doce*. Realização de Tiago Guedes. SIC Filmes e Filmógrafo II, 2001. Telefilme. Argumento de Pedro Marta Santos. Elenco: Fátima Lopes, Guilherme Duarte, João Cabral, Margarida Marinho.
- Pulsção Zero*. Realização de Fernando Fragata. SIC Filmes, 2002. Telefilme. Argumento de Fernando Fragata. Elenco: Adelaide Sousa, Adriano Carvalho, Catarina Molder, Hélder Mendes, Miguel C.
- Quem Tudo Quer*. Realização de Fernando Vendrell. SIC Filmes, 2000. Telefilme

- Querida Mãe*. Realização de José Sacramento. SIC Filmes e Animatógrafo II, 2001. Telefilme. Elenco: Adriano Luz, Ana Bola, Francisco Nascimento, Margarida Marinho, Maria Rueff, Rogério Samora.
- Regra de Três*. Realização de Nuno Franco. TVI/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Eduardo Gaspar. Elenco: Rui Unas, Cristina Carvalhal, Virgílio Castelo.
- Um Homem Não é Um Gato*. Realização de Marie Brandt. SIC Filmes, 2001. Telefilme. Argumento de António Costa Santos. Elenco: José Henrique Neto, São José Correia, Ricardo Pereira, Manuel João Vieira.
- Um Natal Quase Sem Neve*. Realização de Fernando Fragata. SIC Filmes, 2001. Telefilme.
- Um Passeio No Parque*. Realização de Marie Brandt. SIC Filmes, 2000. Telefilme. Argumento de Margarida Rebelo Pinto. Elenco: Alexandra Lencastre, Rita Blanco, Rogério Samora, Fernanda Serrano, Júlio César, Cristina Cavalinhos, José Wallenstein.
- Um Pequeno Desvio*. Realização de Nuno Franco. TVI/Plural, 2012. Telefilme. Argumento de Artur Ribeiro. Elenco: Carla Salgueiro, Marco Delgado, Sandra Celas.
- Um Sonho Adiado*. Realização de Lourenço Mello. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Filipa Saraiva. Elenco: Jessica Ahtayde, Martinho da Silva, Rui Luís Brás, Sofia Grilo.
- Uma Noite Inesquecível*. Realização de Artur Ribeiro. SIC Filmes e D&D Audiovisuais, 2001. Telefilme. Elenco: Adriano Luz, Álvaro Faria, André Gago, Hélène Mahieu.
- Sabores e Sentidos*. Realização de Afonso Pimentel. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Edgar Silvestre e Giovanni Ciet. Elenco: Liliana Santos, Ricardo Castro, Victor de Sousa.
- Síndrome de Estocolmo*. Realização de Nuno Franco. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Vítor Elias. Elenco: Jessica Athayde, Mariana Monteiro, Pedro Barroso.
- Teorema de Pitágoras*. Realização de Gonçalo Galvão Teles. SIC Filmes e Animatógrafo II, 2001. Telefilme. Argumento de Gonçalo Galvão Teles. Elenco: Diogo Morgado, Filipe Duarte, Fernanda Serrano, João Lagarto, Paula Neves, Pedro Granger, Patrícia Tavares, Philippe Leroux, Sandra B.
- Vá Cavar Batatas*. Realização Jorge Queiroga. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Produzido por Luís Fialho Rico. Argumento de Eduardo Gaspar. Elenco: Rita Blanco, Fernando Luís.
- Vestida para Casar*. Realização de Nuno Franco. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Nuno Távora e Rui Vilhena. Elenco: Diana Nicolau, Maria João Abreu, José Mata.
- Vidas a Crédito*. Realização de António Borges Correia. RTP/Plural, 2012. Telefilme. Produzido por Luís Fialho Rico. Argumento de Raquel Palermo. Elenco: Cristina Homem de Mello, Philippe Leroux, Catarina Avelar, Inês Curado.
- Vidas Desenrascadas*. Realização de Ricardo Inácio. TVI/Plural, 2013. Telefilme. Argumento de Carlos César e Nuno Guilherme Luz. Elenco: Luís Esparteiro, Mafalda Teixeira, Nuno Pardal, Patrícia Tavares.